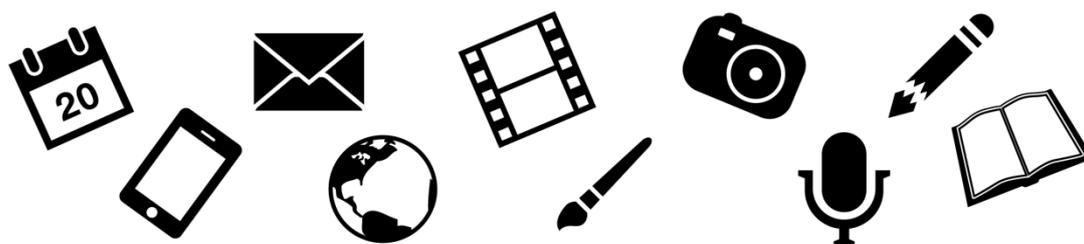




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

07 de janeiro de 2015

Notícias do Dia

Política

“PMDB terá maioria nas SDRs”

PMDB / SDRs / Governo / SC / Eduardo Pinho Moreira / Nelson Serpa / PSD / Valdir Cobalchini / Agências de Desenvolvimento Regional / Secretarias de Desenvolvimento Regional / Joaçaba / Antonio Ceron / Gelson Merísio / PR / Grande Florianópolis / Ibirama / Timbó / Maravilha / São Lourenço do Oeste / Raimundo Colombo / Juliana Souza / UFSC / Sívio Ferraz Cario / Ivoneti Ramos / Udesc / TCE-SC / Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina

PMDB terá maioria nas SDRs

Governo. Partido poderá chefiar até 20 das 36 agências de desenvolvimento de SC

STEFANI CEOLLA
stefani.ceolla@noticiasdodia.com.br

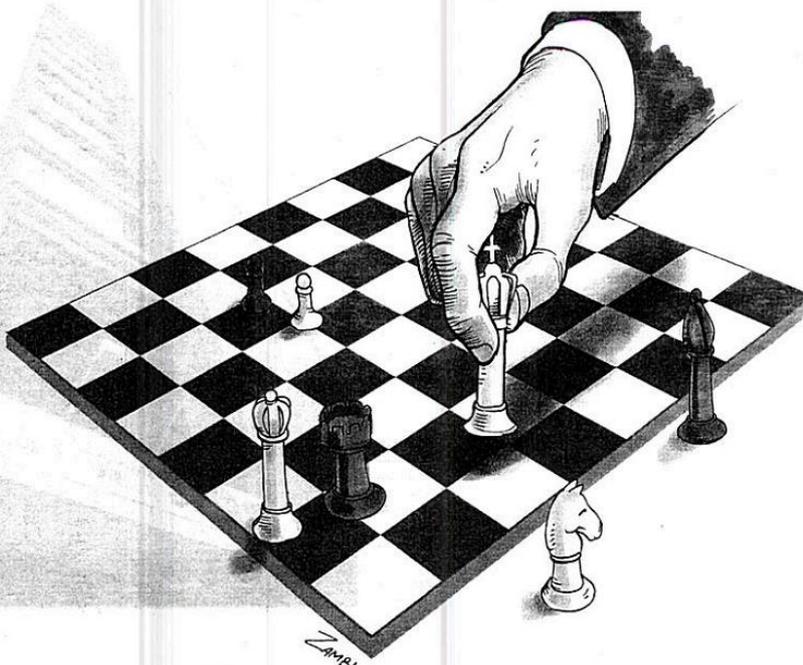
Uma reunião, ontem, entre o vice-governador Eduardo Pinho Moreira (PMDB), o secretário da Casa Civil, Nelson Serpa (PSD), e Valdir Cobalchini, presidente em exercício do PMDB, tratou da participação do maior partido catarinense no comando de órgãos ligados ao governo do Estado. Um dos assuntos foi o comando das Agências de Desenvolvimento Regional, novo nome das SDR (Secretarias de Desenvolvimento Regional). Criticadas durante a campanha eleitoral por abrigarem membros de partidos ligados ao governo, as agora agências continuam sendo cobiçadas politicamente.

A chefia de cada uma das 36 unidades espalhadas pelo estado ainda está sendo articulada, mas o PMDB já confirma que deve ficar com a maior parte das cadeiras. “Entre 19 e 20 serão do PMDB”, projeta Cobalchini. O partido tem pretensão de disputar as eleições para o governo do Estado em 2018. O restante ficará prioritariamente com o PSD. A exceção é o PR, que deve manter a chefia da unidade de Joaçaba. Na reunião de ontem, o partido pressionou ainda sobre a participação no comando de empresas e agências ligadas ao governo. “Foi uma conversa em que buscamos ter o equilíbrio para que o PMDB tenha o que merece, pelo seu tamanho”, resumiu o presidente do partido, sem entrar em detalhes.

As indicações para as agências, empresas e autarquias seguem a tendência da formação do secretariado. Partido do vice-governador, o PMDB indicou mais da metade dos nomes que vão compor o novo governo. Pinho Moreira avalia a participação como natural. “Elegemos as maiores bancadas de deputados, o senador e somos o parceiro de primeira hora do governador. Nada mais justo”, pontua. O presidente da sigla ainda analisa que “o partido, como mentor da descentralização, tem um carinho muito especial pelas SDR”.

A negociação sobre a chefia das agências envolve, além de Cobalchini, Antonio Ceron (PSD), Gelson Merísio (PSD) e Serpa. “Há poucas indefinições, já estamos com quase todos os nomes fechados”, diz Ceron, que confirma a projeção do PMDB e a manutenção do PR. Sobre os outros partidos que compuseram a coligação que reelegeram Colombo na chefia das agências – foram 12 no total – Ceron afirma que nunca foi assumido compromisso. “Isso desde o início estava definido”, reforça.

Ceron adianta que a agência da Grande Florianópolis ficará com o PSD. As unidades em que ainda há indefinição são as de Ibirama, Timbó, Maravilha e São Lourenço do Oeste. Nesta semana, o grupo espera concluir as indicações. “Vou voltar a conversar com o Serpa para que a gente vá afinando e chegue a um consenso”, diz Cobalchini. A expectativa é que os nomes sejam anunciados em meados de janeiro.



Saiu no ND Perfil político permanece



No dia 20 de setembro de 2014, o *Notícias do Dia* publicou reportagem mostrando que mais da metade dos funcionários têm filiação partidária.

Uma das primeiras novidades anunciadas na reforma administrativa do segundo mandato de Raimundo Colombo (PSD) foi a mudança de nome das SDR (Secretarias de Desenvolvimento Regional), que agora são chamadas Agências de Desenvolvimento Regional. Com a medida, o governo vai eliminar o cargo de diretor-adjunto, extinguindo 36 vagas. A pretensão, além de cortar gastos, é dar mais autonomia para as regionais, que poderão decidir e executar obras pequenas ou urgentes, hoje centralizadas no comitê gestor do governo na Capital. Apesar da mudança de nome, para o presidente do PMDB, Valdir Cobalchini, a “essência continua a mesma”. “O perfil de quem assumir é de alguém

que tem que agregar tecnicamente. Obviamente tem que ter afinidade política, mas tem que ser alguém capaz de aglutinar”, defende. Para ele, a força política de assumir uma agência continua a mesma. “Na essência, não altera o papel”, resume.

Reportagem especial publicada pelo *Notícias do Dia* em setembro de 2014 mostrou que mais de metade dos funcionários efetivos e comissionados das SDR têm filiação partidária. O PMDB lidera a lista, com 421 nomes dos 853 que têm filiação. Em seguida está o PSD, partido que compôs a base do primeiro governo de Raimundo Colombo, com 143 cadeiras. O PSD, partido do governador e criado em 2011, tinha, até setembro, 122 filiados entre

os funcionários das secretarias.

Um estudo feito em 2013 pelos economistas Juliana Souza (UFSC), Sívio Ferraz Cario (UFSC) e Ivoneti Ramos (Udesc) reforça a conclusão do TCE-SC (Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina) e indica que as SDR não representam, de fato, a descentralização dos recursos do governo estadual, maior argumento do Executivo. O documento, intitulado “Descentralização orçamentária nas Secretarias Regionais de Desenvolvimento de Santa Catarina”, analisou dez anos das SDR e constatou: a redução da concentração de recursos nas secretarias setoriais foi de 93% para 84,5% em direção aos poderes e não às regionais.

Todas as unidades serão mantidas

Durante a campanha eleitoral, o governador Raimundo Colombo (PSD) admitiu a possibilidade de eliminar a Secretaria de Desenvolvimento Regional da Grande Florianópolis, medida que não foi tomada. “A minha ideia era fechar a SDR da Grande Florianópolis, mas nós estamos

com muita dificuldade operacional aqui. Tem 170 escolas, quem é que vai cuidar da manutenção delas? A secretaria da Educação tem R\$ 350 milhões em caixa para investimento, mas não tenho estrutura para dar agilidade. Então, não sei se é um bom negócio fechar”, disse, em entrevista ao

Grupo RIC. Sobre as mudanças, apontou a extinção do cargo de diretor-adjunto por não haver necessidade. “Muitas vezes um partido indica o secretário, outro indica o adjunto, e os dois ficam brigando”, justificou. Garantiu ainda que dará prioridade a contratações técnicas.

Notícias do Dia

Plural

“O teatro e o virtual”

Teatro / Linguagens / Santa Catarina / Faculdades de teatro / UFSC / Udesc / Rio / São Paulo / Belo Horizonte / Porto Alegre / Bárbara Heliodora / Arte / Plateia / Virtual / Pierre Lévy / Filosofia / Néstor Garcia Canclini / Ator / Palco / Dirce Waltrick Amarante

O teatro e o virtual

Linguagens. Diferente de outras artes, o teatro ainda não se tornou midiático



DIRCE WALTRICK DO AMARANTE*

Com duas faculdades de teatro em Santa Catarina (UFSC e Udesc), refletir sobre o teatro fora do eixo (Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre) me parece sempre oportuno.

O teatro, diferentemente das outras artes que se tornaram midiáticas (filmes não ficam mais restritos ao cinema; museus recebem passeios virtuais; a música há muito se apoia também nas gravações), continua tentando manter sua particularidade que, segundo Bárbara Heliodora, “[...] só existe quando ele é apresentado diante de uma plateia, porque a obra de arte é o que acontece diante do público, graças à interação emocional que existe entre palco e plateia”.

O virtual no teatro ainda parece mal visto, principalmente, quando se fala no papel do ator (que tem que estar presente, ao vivo, diante de seu público). É interessante então pensar no conceito de virtual.

Para o filósofo francês Pierre Lévy, a palavra virtual na filosofia é “aquilo que existe apenas em potência e não em ato”. Desse modo, o virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal. Lévy toma como exemplo a árvore para explicar o virtual: a árvore, diz Lévy, está virtualmente presente no grão. Portanto, no sentido filosófico, o virtual é obviamente uma dimensão muito importante da realidade.

No uso corrente, contudo, a palavra virtual é muitas vezes empregada para significar a irrealidade – enquanto a “realidade” pressupõe uma efetivação material, uma presença tangível. A expressão realidade virtual, prossegue Lévy, soa então como um oxímoro, pois se acredita que uma coisa ou é real ou é virtual. Em filosofia, o virtual não se opõe ao real. O ator, por exemplo, que manipula um personagem no computador, criando expressões, uma fala, uma postura corporal para esse personagem, esse ator é bastante real, embora fora do palco teatral ou do contato direto com a plateia.

O fato é que, o virtual é toda entidade “desterritorializada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela presa a um lugar e a um tempo particular. Portanto, o virtual existe sem estar “presente”.

Lévy lembra que, no mundo virtual, “meu corpo pessoal é a atualização temporária de um enorme

hipercorpo híbrido, social e tecnológico. O corpo contemporâneo assemelha-se a uma chama. Frequentemente é minúsculo, isolado, separado, quase imóvel. Mais tarde, corre para fora de si mesmo [...], funciona como satélite, lança algum braço virtual bem alto em direção ao céu [...]”. E, assim, esse corpo se prende a um corpo público (em outros corpos-chamas).

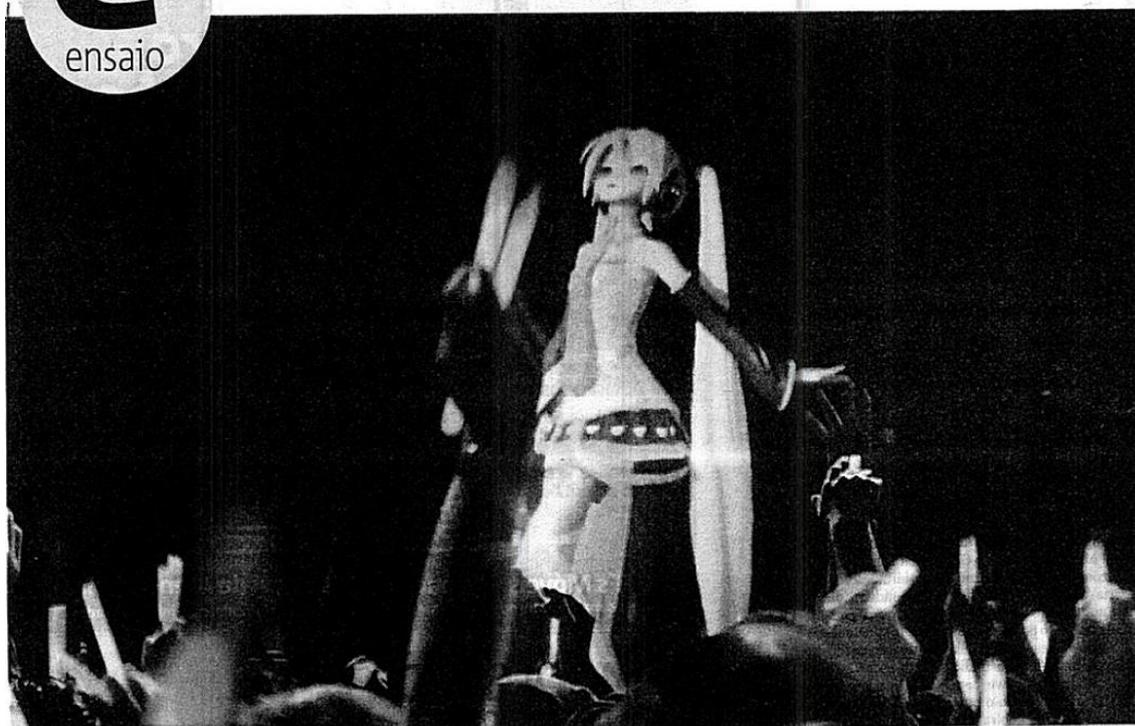
O corpo contemporâneo, prossegue o filósofo francês, “retorna em seguida, transformado, a uma esfera quase privada, e assim sucessivamente, ora em toda a parte, ora em si, ora misturado”.

O teatro já vem refletindo, embora timidamente, a meu ver, esse corpo contemporâneo para pensar a figura do ator, sempre levando em conta que “a virtualização do corpo não é uma desencarnação, mas uma reinvenção, uma reencarnação, uma multiplicação [...]”, como fala Lévy.

Néstor Garcia Canclini, ao falar sobre a escola, adverte que os professores insistem em formar leitores de livros, e, à parte, espectadores de artes visuais, enquanto a indústria está unindo as linguagens e combinando espaços. Talvez seja a hora de repensarmos o teatro, o ator e o palco, levando também em conta outras mídias e outras linguagens do século 21.

*Professora do curso de artes cênicas da UFSC.

e
ensaio



“Realidade”. A cantora japonesa virtual Hatsune Miku serve à reflexão: o cinema, as artes visuais, a música já fizeram seu caminho midiático, o teatro ainda não uniu as linguagens e espaços

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[IFC oferece curso gratuito de cálculo para alunos e comunidade](#)

[Governador Colombo destaca economia catarinense e diz que SC é exemplo para todo o país](#)

[PMDB deve ter a maior parte das Agências de Desenvolvimento Regional](#)

[Presépio da Praça XV pode ser visitado até domingo \(11\)](#)